

O DESEJO MIMÉTICO E A MISSÃO
(IM)POSSÍVEL DO TRADUTOR

Rosa Maria OLHER*
rmolher@gmail.com

*Professora de Língua Inglesa do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá

O DESEJO MIMÉTICO E A MISSÃO (IM)POSSÍVEL DO TRADUTOR

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a relação entre desejo mimético e tradução. Ao refletirmos sobre o desejo, podemos admitir (embora raramente) que invejamos ou desejamos, na verdade, aquele ou aquela que possui o objeto de nosso desejo e, que na verdade este último tem muito pouca importância. Em alguns casos, diríamos que ficaríamos mais satisfeitos ou teríamos mais prazer se o Outro não possuísse o objeto e, que no fundo preferiríamos nós mesmos possuí-lo. Esse mecanismo é muito comumente usado em publicidade. Se pararmos para pensar, percebemos a tendência do ser humano de imitar o Outro, aquele/a que possui o produto ou objeto e, que nos parece completamente satisfeito/a por tê-lo ou por poder adquiri-lo. Partindo do pressuposto de que o ser humano pode fixar seu desejo em objetos relacionados com suas necessidades, angústias, faltas, etc., pode o tradutor ao executar sua tarefa ser levado pelo mecanismo do desejo?

PALAVRAS-CHAVE

Tradução; desejo mimético; tarefa do tradutor.

MIMETIC DESIRE AND THE TRANSLATOR'S MISSION (IM)POSSIBLE

ABSTRACT

This article posits an association of mimetic desire and translation. Reflecting on our desires we admit – albeit rarely – that we are jealous or we envy those who possess the object of our desire and that, in fact, the latter is not particularly important. In some cases, we might claim that we would derive greater satisfaction or pleasure if the Other did not possess the object and yet, deep inside, we would rather possess it ourselves. This mechanism is commonly used in advertising. If we stop to think, we realize that human beings tend to imitate the Other, the one who possesses the product or object, and who seems to be thoroughly satisfied in purchasing it. Based on the assumption that human beings can fix their desires on objects relating to their needs, anxieties, wants, etc., can the translator perform his/her task driven by the mechanism of desire?

KEYWORDS

Translation; mimetic desire; translator's task

Introdução

O que sabemos sobre o desejo humano? Para o senso comum, bem como para as ciências humanas, fixamos nosso desejo em um objeto de maneira completamente autônoma, embora isso implique no fato de que o objeto tem em si um valor suscetível de polarização do nosso desejo.

A escolha desse objeto de desejo vai depender de nossas exigências ou supostas necessidades adquiridas em nossas experiências diárias. O nosso objeto de desejo pode ser uma pessoa, um carro, uma ambição na carreira profissional, de maneira que pareça sempre ter sido fruto de nossa própria ou livre escolha. Todavia, ao tentarmos explicar fenômenos ou sentimentos ligados ao desejo, como inveja ou ciúmes, percebemos que precisamos de uma série de malabarismos mentais para chegar a uma definição, quando se é possível.

Ao refletirmos sobre o desejo, podemos admitir (embora raramente) que invejamos ou desejamos, na verdade, aquele ou aquela que possui o objeto de nosso desejo e, que na verdade este último tem muito pouca importância. Em alguns casos, diríamos que ficaríamos mais satisfeitos ou teríamos mais prazer se o Outro não possuísse o objeto e, que no fundo preferiríamos nós mesmos possuí-lo. Esse mecanismo é muito comumente usado em publicidade. Se pararmos para pensar, vamos perceber como tendemos a imitar o Outro, aquele/a que possui o produto e, que nos parece completamente satisfeito/a por tê-lo ou por poder adquiri-lo.

Partindo do pressuposto de que o ser humano pode fixar seu desejo em objetos relacionados com suas necessidades, angústias, faltas, etc., pode o tradutor, ao executar sua tarefa, ser levado pelo mecanismo do desejo?

O desejo mimético

René Girard (1961), filósofo, antropólogo e professor de literatura comparada, revela um mecanismo diferente para o desejo humano: o desejo mimético. Por meio da análise de obras literárias de Cervantes, Stendhal, Proust, Shakespeare e Dostoiévski, Girard apresenta a hipótese do mecanismo triangular, no qual "sujeito – modelo – objeto" são envolvidos num processo mimético de desejo e imitação, como o próprio nome denuncia.

A hipótese de Girard se baseia na existência de um terceiro elemento, mediador do desejo, que é o Outro, ou seja, o modelo possui algo que o sujeito não possui e esse objeto, por sua vez, tem seu valor idealizado, por ser desejado pelo Outro. Assim, o sujeito ressentido a falta desse objeto, passando então a desejá-lo e, por consequência a imitar seu modelo (o possuidor), representado pelo mediador do triângulo.

Segundo Girard, é a presença do Outro que sempre explica ou simplifica a situação. O autor denuncia a mentira romântica, título de sua obra *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque*, como uma tentativa de apagar ou dissimular o modelo no plano do desejo.

Como o Quixote de Cervantes, o sujeito que deseja, mas não sabe exatamente o que vive à procura de algo que lhe falta e, equipado dessa falta, busca uma

plenitude que aparentemente ou supostamente não tem, idealizada por ele. Portanto, qualquer resposta à pergunta: "O que o Outro possui que eu não possuo?", tais como: ser mais feliz, ser bem sucedido/a na vida profissional, ter um carro importado, uma esposa ou marido atraente, ser o/a favorito/a, etc. poderá desencadear o desejo mimético. Fixar a atenção num modelo já significa, segundo Girard, reconhecer ou atribuir a esse modelo um prestígio que ele não tem, ou seja, uma idealização do objeto desejado pelo sujeito e por consequência do modelo que o possui. Se existe a admiração pelo modelo, é porque o sujeito encontra nele a perfeição, certamente porque ele possui algo que lhe falta: objeto material, atitude, status, beleza, etc.

Essa mediação fica então instituída e, da mesma forma, ocorre uma metamorfose do objeto, na qual o objeto passa a representar muito mais do que realmente é, pois a sua posse representará a satisfação do referido desejo, ou pelo menos, daquilo que o sujeito acredita desejar para uma identificação social, por exemplo, ou para a possível solução de um conflito interno desse sujeito "desejante".

Girard também esclarece que o sujeito raramente admite essa imitação, pois revelaria sua inferioridade ou insuficiência em relação ao modelo, ao Outro.

A palavra *mimesis* tem sua origem no grego e significa imitação. Girard associa a *mimesis* de Platão à visão de desejo de Freud e cria, a partir daí, o "desejo mimético" que nada mais é que a interferência imediata do desejo imitador no desejo imitado, ou seja, o desejo de Um imita o desejo do Outro, gerando assim uma certa rivalidade através do reforço da imitação.

O desejo através do Outro pode ser óbvio ou dissimulado. O modelo pode ser real, imaginário ou ainda simbólico, inacessível, um mundo transcendental como o de Don Quixote. Quando a imitação é óbvia ou existe uma certa distância entre o modelo e o sujeito, ocorre o que Girard denomina de "mediação externa", onde as posições de cada elemento são completamente claras ao observador. Por outro lado, quando a distância entre modelo e sujeito é pequena ou inexistente e a rivalidade não parece clara, os papéis dos elementos da rivalidade podem se confundir e sofrer uma inversão, ocorrendo assim a "mediação interna".

Segundo Girard, o desejo é *ad infinitum* e tem por finalidade o nivelamento das diferenças, no qual a fascinação pelo Outro leva à redução da distinção entre o sujeito e o modelo. A esse respeito, o autor diz o seguinte: "Le désir selon l'Autre est toujours le désir d'être un Autre. Il n'y a qu'un seul désir métaphysique mais les désirs particuliers qui concrétisent ce désir primordial varient à l'infini" (p. 101).

Na hipótese do mecanismo mimético de Girard, dois elementos são definitivos como resultado da luta para vencer o obstáculo: a redução das diferenças ou indiferenciação entre modelo e sujeito e a substituição do objeto de desejo pela rivalidade em si. É comum ao atingir a suposta completude ou a satisfação de seu desejo, o sujeito perguntar-se: "Mas, era apenas isso?", continuando assim sua busca por outro objeto de desejo, desencadeando mais uma vez o desejo mimético.

De fato, vivemos e pensamos dentro de um sistema de diferenças. Isso nos leva sempre a buscar ou a observar o que separa, o que diferencia. Ao depararmos com um casal de gêmeos, por exemplo, nossa primeira reação é tentar distinguir um do outro, tentamos achar pelo menos uma característica que nos permita essa distinção, essa diferenciação. Ao abolirmos ou reduzirmos as diferenças corremos o risco de confundir aquilo que nos distingue do nosso vizinho, do nosso colega, em resumo, aquilo que nos distingue do Outro, de quem realmente somos.

Dentro dessa perspectiva da diferenciação, percebemos também na tarefa do tradutor o esforço extremo de redução das diferenças entre as línguas, como vemos a seguir nas reflexões do filósofo Walter Benjamin (1892-1940). A partir das reflexões Benjaminiana sobre a difícil tarefa do tradutor procuraremos estabelecer uma relação com o mecanismo do desejo mimético de Girard, presente na relação do tradutor com o autor e com o texto "original".

A (im)possível tarefa do tradutor

Walter Benjamin (1892-1940) escreveu "A Tarefa do Tradutor" (BENJAMIN, 2001)² como prefácio de sua tradução dos *Tableaux Parisiens* de Baudelaire. O ensaio é uma reflexão linguística e filosófica sobre temas centrais da tradutologia como, fidelidade e liberdade, forma e/ou literalidade e por consequência, a difícil ou quase impossível tarefa do tradutor.

Benjamin compara a arte de traduzir às artes em geral e aproxima a tarefa do tradutor à do poeta. Ele não acredita que a recepção ou a idealização do receptor possa influenciar na apreciação de obras de arte ou de qualquer forma de manifestação artística, a citar, a tradução, a pintura e a música. Assim como a arte não objetiva um receptor (ideal), também a tradução não deve fazê-lo, pois entende que as reflexões sobre uma obra de arte apenas pressupõem "a existência e a essência do homem em geral".

Benjamin liberta o tradutor do esforço e da ordem da comunicação e transfere a tarefa de tradução para o plano poético, no qual se evita a simples transmissão imprecisa de um conteúdo, que segundo ele, não é essencial, contrariando assim a tese central da teoria de tradução, cuja discussão é desenvolvida através da dicotomia da fidelidade à palavra e liberdade de reprodução do sentido do original, pensamento este já sugerido e discutido por São Jerônimo (340-420) na famosa Carta a Pamáquio³.

Segundo Benjamin, a fidelidade não se encontra na tradução da palavra isolada, mas sim na tradução como forma de significação poética, ou seja, aquela ligada ao modo de significar da palavra. Ele cita como exemplo as palavras "Brot"

2. Ver Clássicos da Teoria da Tradução, vol. 1, 2001.

3. A carta "Ad Pammachium - De optimo genere interpretandi" ("Carta a Pamáquio, sobre os problemas da tradução") foi escrita por Jerônimo ao senador romano Pamáquio em 395/396. Nesta, Jerônimo se defende das acusações de infidelidade na tradução e levanta as primeiras discussões sobre os problemas de tradução, tais como: fidelidade.

1. O desejo Segundo o Outro é sempre o desejo de ser um Outro. Há apenas um desejo metafísico, mas os desejos particulares que realizam esse desejo primordial variam ao infinito.

(do alemão) e "pain" (do francês), explicando que embora o significado de ambas seja o mesmo: pão, seu modo de significá-lo é diferente para as duas línguas e não são, na verdade, intercambiáveis, podendo até, em última instância, se excluírem, como ocorre com alguns estrangeirismos que acabam por ser assimilados pela língua receptora, acredito, devido ao seu modo de significar, pela carga que a palavra já carrega originalmente.

A partir desta descoberta da intenção de um significado – modo de significar ou ainda do "querer dizer" – Benjamin postula que, ao mesmo tempo que esse modo se opõe nessas duas palavras entre si, ele se completa em ambas as línguas das quais provém, ou ainda, no significado. Lembrando Platão, podemos fazer um paralelo com o conhecimento das idéias, que não pode ser expresso em palavras, senão por aproximações e analogias, por intuição, numa contemplação silenciosa, também Benjamin acredita que é a contemplação das idéias, da essência, revelada na língua que deve buscar o tradutor, tarefa esta que será jamais alcançada plenamente, podendo apenas ser intuída a partir da comunhão de sentidos, da complementaridade possibilitada pelo confronto das línguas entre si.

Na tentativa de definir ou traduzir a tarefa do tradutor, o filósofo usa a metáfora do vaso quebrado como forma de re-figurar, re-criar e re-poetizar o texto, a partir do modo de significar do original:

Assim como os cacos de um vaso, para poderem ser recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos menores detalhes, mas sem se igualar, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, ir re-configurando, em sua própria língua, amorosamente, chegando até aos mínimos detalhes, o modo de designar do original, fazendo assim com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso (BENJAMIN, 2001, p.207).

Benjamin cita Panwitz para refletir sobre a tradução como transformação ou recriação, dizendo que a tarefa do tradutor é a de "deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira", remontando os elementos da língua estrangeira na própria língua, de forma em que "a palavra, imagem e som se tornam um só" (p.213), ampliando e aprofundando sua língua por meio do elemento estrangeiro, no sentido de transformá-la.

Um outro conceito fundamental nas idéias de Benjamin sobre a difícil e quase impossível tarefa de traduzir é o da contaminação ou pluralidade das línguas. O filósofo cita o poeta francês Mallarmé (1842-1898) para explicar que a imperfeição das línguas se deve à sua pluralidade e que a diversidade de idiomas na terra impede o ser humano de materializar as palavras que, por sua vez, materializam a verdade. Segundo Mallarmé, pensar é escrever sem acessórios e que, mesmo sussurrada, a palavra imortal permanece no silêncio.

Toda esta profundidade contida nas palavras do poeta francês nos mostram a complexidade das reflexões de Benjamin com relação à (im)possível tarefa do tradutor.

Otoni (2003) fala do double bind em que se encontra o tradutor ao deparar

com a diferença e com a pluralidade das línguas. Otoni trata do corpo a corpo do tradutor com a língua e o idioma, ao traduzir o In-traduzível Derrida e, da mesma forma, da responsabilidade do tradutor como leitor de seus textos. Derrida, traduzido por Otoni, diz o seguinte: "falar idiomáticamente seu idioma é o que se chama de língua materna, o de que não se apropria, e acolher o outro na sua língua é levar em conta naturalmente seu idioma" (p.165). Segundo Otoni, o tradutor fica preso ao In-traduzível do idiomático e tem, ao mesmo tempo, que apreender "de outro modo" esta intraduzibilidade. Nesse corpo-a-corpo, o tradutor tem uma dupla fidelidade ou, como conclui mais à frente, uma dupla responsabilidade.

Entendemos que esse double bind em que se encontra o tradutor ao traduzir um texto se dá por conta das diferenças no modo de dizer entre as línguas, sugerido por Benjamin e também pela pluralidade ou contaminação inerente a elas. O tradutor está sempre sujeito a uma certa dívida com o "original". Há que se refletir, então, sobre a tarefa do tradutor com relação à questão da fidelidade, das diferenças entre significado e significante, à questão da (in)traduzibilidade idiomática e da própria evolução e mudança ou movimento das línguas; citando apenas algumas, a sua tarefa é quase que impossível e, na verdade, o tradutor traduz o In-traduzível, como diz Derrida.

O desejo mimético na relação autor - tradutor - texto original

Toda essa discussão sobre a tarefa do tradutor, fidelidade ao original ou ao autor, literalidade e liberdade, double bind, pluralidade das línguas, dentre muitas outras questões, nos leva a refletir sobre a tradicional hierarquia que se estabelece entre texto original e texto traduzido, bem como questões relacionadas à relação autor - tradutor - texto e autor - tradutor - leitor.

Arrojo (1993) questiona a "sacralização do original" como templo dos significados supostamente estáveis e mumificados de seu autor e, postula que "se a tradução não consegue reproduzir plenamente a totalidade do original, segundo a tradução logocêntrica, é porque não existe plenitude no texto, portanto no 'original'" (p.75). Assim, a busca de plenitude ou até de completude que pode se realizar através da tradução torna-se impossível.

Nessa relação original e tradução, não podemos esquecer dos papéis dos sujeitos envolvidos com o texto: o autor e o tradutor/leitor. Sobre essa questão, Arrojo diz o seguinte:

Se aceitarmos que o chamado "original" é composto de significados que são provisórios, dependentes da leitura de um sujeito – dotado de um inconsciente e sempre situado dentro de uma perspectiva – também podemos aceitar a posição autoral de qualquer tradutor, ao mesmo tempo em que podemos desistir da fantasia da "superprodução", para que enfrentemos os desafios dessa atividade em termos mais realistas (p.48).

De acordo com Arrojo, todas as noções de inadequação ou preconceitos atribuídos à tradução, como deformação, infidelidade e traição, estão intimamente

autor e tradutor/leitor; visão esta baseada em teorias estruturalistas que reforçam a idéia de que o sentido está no texto original e que a tradução representa apenas um derivado que vem, de certa forma, suprir a falta desse original, uma cópia dele e, conseqüentemente, a idéia do tradutor traidor, usurpador, que se apropria do suposto original.

Como podemos observar nos conceitos e exemplos já discutidos neste trabalho, sabemos que a sobrevida da obra literária depende altamente da tradução, como defende Benjamin ao comparar a tradução à obra de arte ou à poesia. Um exemplo mais recente de reflexão sobre a relação original e tradução e sobre autor - tradutor, encontra-se no prefácio de uma obra de Shakespeare, traduzida do inglês para o português por Millôr Fernandes (1998). Com seu estilo descontraído e humorístico, Millôr diz o seguinte: "As traduções, quase sem exceção (e não falo só do Brasil) têm tanto a ver com o original quanto uma filha tem a ver com o pai ou um filho a ver com a mãe. Lembrem, no todo, de onde saíram, mas, pra começo de conversa, adquirem como um outro sexo" (p. 7). A tradução, explica Millôr, é uma das mais difíceis empreitadas intelectuais. Mais difícil do que "criar originais, embora, claro, não tão importantes" (ibidem).

Nessas reflexões sobre tradução, Millôr também coloca em cheque suas próprias leituras ou traduções de 20 anos atrás, dizendo que não assinaria hoje nenhuma delas. Isso não significa que tais traduções possam vir a comprometé-lo de alguma maneira, pelo contrário, ele explica que seus conceitos ou sua filosofia sobre tradução é que mudaram, devido à experiência cultural e profissional adquirida no decorrer dos anos. Isso vai ao encontro do que Arrojo (1993, p. 38) postula quando fala dos significados como sendo provisórios e, que não há como o tradutor "descobrir nos textos que traduz os significados estáveis e independentes". O que ocorre nessa relação é algo semelhante a uma apropriação de significados, num movimento, segundo Arrojo, de recriação do texto.

Com relação ao papel do tradutor, Millôr (1998, p. 6) diz: "Não se pode traduzir sem ter o mais absoluto respeito pelo original e, paradoxalmente, sem o atrevimento ocasional de desrespeitar a letra do original exatamente para lhe captar melhor o espírito". E um pouco mais adiante, ele completa: "Não se pode traduzir sem ser escritor, com estilo próprio, originalidade sua, senso profissional. Não se pode traduzir sem dignidade" (p. 7).

As citações dos brasileiros contemporâneos Arrojo e Millôr nos levam a refletir e a discutir a relação entre os sujeitos autor - tradutor e o texto "original", de forma a problematizar e a questionar a relação hierárquica que se estabelece. La-Planche⁴, responsável pela tradução francesa das *Obras Completas* de Freud, em 1988, vê uma certa compulsão que ele chama de "pulsão", "prazer" e "desejo" de traduzir por parte do tradutor, ou seja, o tradutor é sempre movido por uma certa incitação, tenha esta origem no contexto, no próprio tradutor (algo interno) ou no texto "original". Além de nos remeter aos "entanglements" (transfêrências) de Freud, que explica a relação de "emaranhamentos" entre pessoas, personagens,

textos, etc., também discutidos por Arrojo, esta relação autor - tradutor - texto, este "entanglement" constitui um lugar exemplar para a base triangular de Girard: o mecanismo mimético.

Na empreitada da tradução, o tradutor já inicia seu trabalho com a sensação de "falta" sugerida por Girard, uma certa dívida que pode desencadear o desejo mimético no sujeito. Essa sensação de falta ou inferioridade por parte do tradutor, entendemos, é provocada por alguns fatores, quais sejam: (i) o senso comum da dificuldade e impossibilidade da sua tarefa, como discutimos anteriormente, que é articulado e corroborado nos diversos setores e que, por sua vez, privilegia o "original" e o autor em detrimento da tradução e do tradutor; (ii) a situação de double bind em que o tradutor é colocado, em conseqüência das diferenças entre os sistemas lingüísticos, idiomáticos, o modo de dizer ou significar, etc. criando assim uma tensão; (iii) a incitação, pulsão ou desejo de traduzir do próprio tradutor, envolvido pelo "entanglement" (emaranhamento) provocado pela triangulação autor - tradutor e texto original e pela responsabilidade que a tarefa lhe impõe, dentre outros fatores.

Partindo desta premissa da dívida ou da falta pressentida pelo tradutor - sujeito, na tentativa de se apropriar de seu objeto de desejo - o texto original, o tradutor procura imitar o autor e num esforço extremo, substituir o modelo, detentor ou possuidor desse objeto, o autor. O triângulo fica assim formado e o desejo mimético se estabelece à medida que o tradutor vai se apropriando do texto original e se aproximando do autor.

Portanto, o sujeito (tradutor) procura imitar o modelo (autor) na tentativa de se apropriar do objeto (texto original). Na verdade, o que ocorre é que o tradutor imita o autor, ao se apropriar do texto original, cujos atributos foram idealizados e privilegiados com base em falsas premissas, como a da sacralização do original, como "templo dos significados supostamente estáveis e mumificados de seu autor", segundo Arrojo (1993, p. 75).

E muito importante lembrar que o tradutor se encontra nesse momento ou lugar, como diz Ottone, envolvido pela tensão do double bind - no corpo-a-corpo da diferença entre duas línguas, assumindo a dupla responsabilidade de sua tarefa de se apropriar do Outro (que não se deixa apropriar, segundo Derrida) mas ao mesmo tempo de acolhê-lo na sua própria língua.

Ora, se os significados não são estáveis, assim como a própria língua, pois assim postulam os teóricos, como então atribuir tal plenitude ao autor ou ao original no sentido de desejá-lo ou imitá-lo? Se o tradutor não consegue "reproduzir" plenamente a totalidade do original, por todas as razões já discutidas anteriormente, como resolver ou solucionar a rivalidade que se estabelece entre os três elementos do triângulo: autor - tradutor - original?

A missão impossível de Menard

Embora nosso objetivo neste trabalho não seja obter respostas às questões levantadas, mas associar o desejo mimético à tarefa do tradutor, buscamos um

de Jorge Luiz Borges (1981), no intuito de associar a relação triangular autor-tradutor-original ao desejo mimético.

Menard, o personagem tradutor e romancista invisível criado por Borges, aspirava a uma fidelidade total; pretendia escrever o Dom Quixote exatamente como Miguel de Cervantes o escrevera, repetindo seu contexto histórico e social, suas circunstâncias, suas intenções e motivações. Essa empreitada resultou, obviamente, numa impossibilidade, visto que não há como resgatar integralmente as intenções e o universo do autor, porque tais intenções ou universo serão sempre nossa visão daquilo que possam ter sido, ou seja, o *El Quijote* de Menard do séc. XX, não conseguiria jamais ser o *Dom Quixote* de Cervantes do séc. XVII.

Para conseguir alcançar seu objetivo – o de construir “literalmente” a obra, primeiramente Menard, leitor incondicional e incansável de Dom Quixote, subsequentemente seu objeto de desejo, toma a decisão de “ser” Miguel de Cervantes, ou seja, Menard conheceria a língua do autor (espanhol), recuperaria sua fé (católica), guetrearia contra os mouros ou os turcos e esqueceria a história da Europa entre 1602 e 1918. Todavia, o intento foi obviamente descartado e como segundo método, Menard decide então escrever *Quixote* de Cervantes através da própria experiência, ou seja, decidiu repetir Cervantes, ou seja, imitá-lo, sem deixar de ser Menard. O resultado foi uma citação total do texto de Cervantes, a saber, o que Menard fez foi “escrever” sua “leitura” de Quixote – uma cópia literal do texto original.

Ao transportarmos o exemplo borgeano para o modelo mimético de Girard, percebemos que, para alcançar sua missão impossível de se apropriar de *Quixote*, o “sujeito” Menard (tradutor/leitor) chega ao extremo da imitação do seu “modelo” Cervantes (autor), por meio da cópia ou total apropriação do texto original (objeto de desejo), representando assim, de maneira superficial, o fim da suposta rivalidade ou o fim da crise de diferenciação sugerida por Girard.

Entretanto, numa versão bem humorada, Borges ironicamente declara, com esse conto, a morte do autor, cujo lugar é ocupado pelo leitor/tradutor, nesse caso Menard. Na realidade, o que Borges faz é mostrar a superioridade do leitor em relação ao autor, sugerindo que os sentidos ou significados são construídos pelos diversos leitores ou Quixotes, através de suas tradições culturais, suas experiências, etc. Ao “plagiar” Cervantes, Borges, através do personagem Menard, reíra de cena o autor (o modelo), substituindo-o pelo tradutor/leitor (o sujeito) e, conseqüentemente, sugere o fim da rivalidade mimética e o desaparecimento da hierarquia autor-tradutor ou original-tradução, ou, em última análise, o apagamento do “modelo” e fim da diferenciação propostos por Girard em *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque*.

A exemplo de Menard, podemos concluir que a busca pela realização do desejo mimético do tradutor representa, em última instância, uma missão impossível, ou ainda, uma tentativa de indiferenciação entre autor e tradutor/leitor, original e tradução, impossível de se alcançar. Missão impossível ou de risco, porque isso implicaria no apagamento total das diferenças, na negação das tarefas do escritor, do poeta e do tradutor – tarefas estas de (re)criar e (re)viver o passado no presente, de sobrevida das obras.

Embora a tarefa do tradutor seja considerada difícil e de certa forma impossível, como discutimos neste trabalho, por conta de sua complexidade gerada por tensões internas e externas, devemos lembrar da sua imperiosa necessidade, fazendo-se presente em todas as esferas da sociedade, pois ela, a tradução, desempenha o papel de realizadora e construtora da história e das literaturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROIO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BENJAMIN, Walter. A Tarefa – Renúncia do Tradutor. Trad. Susana Kampff Laages. In: *Clássicos da Teoria da Tradução*, vol. 1. Florianópolis: UFSC/NUT, 2001, p.188-215.
- BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del Quijote. In: *Ficciones*. Madri: Alianza Editorial, 1981.
- GIRARD, René. *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque*. Paris: Grasset, 1961.
- FERNANDES, Millôr. Trad. *A Megera Domada / William Shakespeare*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- OTTONI, Paulo. A Responsabilidade de Traduzir o In-traduzível: Jacques Derrida e o Desejo de [la] Tradução. *D.E.L.T.A.*, 19. Especial, p.163-174, 2003.